

ma social propõe o método antievangélico da violência armada e acirra o ódio, o ressentimento e a luta de classes. Em segundo lugar, porque o fim a que leva não é o paraíso terrestre da sociedade sem classes, mas o capitalismo do Estado num regime totalitário em que se criam novas classes. João Paulo II confidenciou a bispos que o comunismo é inaceitável porque é um sistema que suprime a liberdade e o amor, por isso incapaz de implantar a verdadeira justiça. Ele advertiu ainda ao CELAM que não é admissível uma libertação que recorre à práxis e à análise marxista. Certamente essa advertência, já efetuada em Puebla, visa sobretudo alguns corifeus da Teologia da Libertação que pretendem exatamente elaborar uma Teologia a partir de uma práxis e têm privilegiado a análise marxista como mediação sócio-analítica.

A Doutrina Social da Igreja está sendo novamente valorizada.

3.5 Foi enfatizada a relevância da *Doutrina Social da Igreja*, não como uma terceira via ou uma ideologia alternativa, distinta tanto do capitalismo como do comunismo. De fato, a Igreja não tem um modelo político e econômico pronto para propor. Todavia, como educadora das consciências, ela oferece um corpo de princípios capazes de iluminar as pessoas engajadas em construir um mundo mais fraterno. Após um período de certo descrédito, a Doutrina Social da Igreja está sendo novamente valorizada. Com inspiração em seus ensinamentos poderão realizar-se profundas mudanças estruturais na sociedade, sem que isso signifique um "retorno cíclico das mesmas opressões". O Santo Padre lembrou alguns de seus postulados: a noção do bem comum; a hipoteca social que pesa sobre a propriedade particular; a igualdade de todos perante os bens necessários à existência; o respeito à dignidade de cada pessoa; a condenação do economismo e a exigência de uma economia a serviço do homem.

3.6 Foi ratificada a *opção preferencial da Igreja pelos pobres*. Isso implica, entre outras coisas, que seja reconhecida a dignidade humana dos pobres e que eles mesmo não percam tal dignidade. Para tanto, as vítimas da pobreza deverão rejeitar a mentalidade fatalista que atribui sua sorte à vontade divina. Deus não quer a miséria de ninguém! Daí a necessidade de se empenhar pela libertação desse estado subumano. A Igreja dos pobres interpela também os ricos e abastados e os exorta a não se fecharem em

seu pequeno mundo. Quem se instala na "riqueza da iniquidade" e não se abre a Deus e aos irmãos será excluído do Reino e ouvirá os "ais" ameaçadores do Sermão da Montanha. Mas quem tem posses e está disposto a partilhar, também possui espírito de pobre e é herdeiro das bem-aventuranças. Não há mal na posse, mas no abuso e na concentração da mesma. O ideal é que todos tenham acesso à posse, pois ela possibilita um espaço indispensável para a realização da liberdade pessoal. Segundo o Papa, a Igreja dos pobres não é a Igreja de uma casta ou de uma classe. Ela não quer provocar explosões entre os homens, não quer ser instrumentalizada, nem quer servir a fins imediatamente políticos ou às lutas pelo poder. Ela combate pela justiça e pela verdade com a "espada da palavra" que encoraja, mas também admoesta e denuncia.

A Igreja dos pobres não é a Igreja de uma casta ou de uma classe.

3.7 Vê-se que o Romano Pontífice não prega uma religião-ópio-do-povo. O seu projeto é o de um *Cristianismo integral*, por isso encarnado em todas as dimensões da vida, pessoal e espiritual, social e política. Se João Paulo II recusa a violência e a revolução, ele rejeita igualmente a inércia e o imobilismo e pede reformas urgentes e profundas para pôr fim às desigualdades absurdas em que vivemos. Situação absolutamente inaceitável num país cristão e católico. Oxalá sua mensagem profética seja escutada e posta em prática por todos os brasileiros!

NOTA:

Ainda da citada REB de setembro de 1980, vale a pena transcrever o parágrafo inicial de uma das três contribuições de Leonardo Boff, então redator da revista, nesse número. Com o título "*A Visita do Papa: O Saldo*", assim se expressava o teólogo franciscano: "Num ponto vigora consenso unânime: o maior saldo da visita do Papa ao Brasil é o próprio Papa. Nele a personalidade é mais importante do que sua própria mensagem. Sua profunda religiosidade, sua cristalina humanidade, sua calorosa cordialidade, sua fome e sede de justiça social particularmente pelos empobrecidos alimentarão a memória coletiva de nossa geração como um permanente marco de referência. Parafraseando o poeta Pablo Neruda, vale dizer: foi memorável e ao mesmo tempo dilacerador para o Papa ter encarnado para a maioria dos brasileiros, durante doze dias, a esperança. Apesar de todas as contradições do momento, jamais foi tão verdadeira, quanto agora, a consigna: o Brasil é um país de esperança. Por causa de João Paulo II" (Cf. REB 1980, fasc. 3/159, p.425).

Redemptoris Missio: Uma Encíclica Programática

Pe. Severiano Crimella PIME
Professor de Teologia da Fé

“**A** distância de 25 anos da conclusão do Concílio e da publicação do Decreto sobre a atividade missionária *ad gentes* e a 15 anos da exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI”, João Paulo II relança a primeira evangelização dos não-cristãos e chama a Igreja para um renovado impulso missionário.

A missão *ad gentes*, antes do Concílio, era considerada

periférica à vida da Igreja, reservada só a um pequeno grupo de "especialistas": os missionários. O Concílio subverteu esta colocação, inserindo a atividade missionária no coração da vida eclesial: "A Igreja peregrina é por sua natureza missionária" (AG 2).

Para ler na óptica certa esta carta-encíclica é preciso evitar dois modos errados: procurar nela novidades de solu-

ções, enquanto o seu intuito direto é recordar uns pontos firmes que devem ser salvaguardados em qualquer situação e em cada projeto de renovação, ou entender o relevado a estes pontos como um desejo de restauração, mais que um apaixonado e prioritário anseio de fidelidade ao Evangelho.

O Papa não quer bloquear a pesquisa teológica e pastoral, pelo contrário, quer “estimular os teólogos a aprofundar e expor, sistematicamente, os vários aspectos da missão” (n. 2). A pesquisa, para que possa ser verdadeira e frutuosa, deverá caminhar dentro dos termos que o Evangelho põe, sem perder nada, ou desvigorar, do que é essencial.

A fidelidade não prejudica a renovação, antes, torna-se fundamento dela.

As motivações que levam João Paulo II a reafirmar “a validade permanente do mandato missionário” podem ser individuadas em dois âmbitos. O âmbito propriamente teológico: a missão é obediência à ação de Deus na sua Igreja e, em particular, à ação do Espírito Santo, o verdadeiro protagonista da missão. “É o Espírito que impele a anunciar as grandes obras de Deus! . . . *Ai de mim se não evangelizar* (1 Cor 9,16). Em nome de toda a Igreja, sinto o dever imperioso de repetir este grito de São Paulo” (n.11).

E o âmbito de índole histórica, estreitamente ligado à experiência missionária pessoal do Papa: “Desde o início do meu pontificado, decidi caminhar até aos confins da terra para manifestar esta solicitude missionária; e este contato direto com os povos, que ignoram Cristo, convenceu-me ainda mais da urgência de tal atividade” (n.1).

Decidi caminhar até aos confins da terra para manifestar esta solicitude missionária.

O que determina esta urgência é, para o Papa, a natureza do próprio Evangelho e não simplesmente a situação de emergência do mundo moderno: os cristãos em número minoritário, as outras religiões em expansão, a necessidade impelente de uma renascença religiosa para que a humanidade encontre a força do diálogo e da paz. A missão é urgente porque a “notícia” de Jesus Cristo tem de ser anunciada a todos, já e agora.

Junto com a urgência do anúncio, a encíclica é atravessada por uma nota de otimismo: “Deus abre à Igreja os horizontes de uma humanidade mais preparada para a sementeira evangélica” (n.2). A ocasião é oportuna, o tempo é favorável, e chegou “o momento de empenhar todas as forças eclesiais na nova evangelização e na missão ad gentes. Nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja pode esquivar-se deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos” (n.3).

A urgência da missão nasce do otimismo, da convicção profunda do Papa, de que o tempo é propício, aberto, e não de uma vontade reconquistadora de posições perdidas. É o otimismo evangélico, o otimismo de Jesus que proclamava: “Cumprir-se o tempo e o reino de Deus está próximo” (Mc 1,15); e aos discípulos: “Erguei vossos olhos e vede os campos: estão brancos para a colheita” (Jo 4,35). O mundo está pronto, em expectativa. Este otimismo do Evangelho, que não é sustentado por análises sociológicas

ou políticas, esvazia até à raiz qualquer silêncio ou adiamento.

E nesta visão otimística o Papa constata e aprecia “os muitos frutos missionários do Concílio: multiplicaram-se as Igrejas locais. . . ; verifica-se uma inserção mais profunda das Comunidades cristãs na vida dos povos; a comunhão entre as Igrejas. . . ; o empenho dos leigos no serviço da evangelização; as Igrejas particulares abrem-se ao encontro, ao diálogo e à colaboração com membros de outras Igrejas cristãs e outras religiões. Sobre tudo está-se afirmando uma nova consciência, isto é, a de que a missão compete a todos os cristãos” (n.2).

A missão compete a todos os cristãos.

Mas, ao lado destas motivações positivas, há uma constatação de crise: “No entanto, nesta primavera do cristianismo, não podemos ocultar uma tendência negativa, que, aliás, este documento quer ajudar a superar: a missão específica ad gentes parecer estar numa fase de afrouxamento” (n.2), que deriva não só das dificuldades externas, da complexidade do mundo de hoje, da queda dos valores e da secularização, mas também de dificuldades internas e eclesiais. A Igreja está passando por um período difícil: há crise de fé e de vida cristã nos países de antiga tradição cristã, e por outro lado, várias Igrejas recém-constituídas tendem a fechar-se nos próprios problemas. Tudo isso explica a fase de refluxo e de escasso empenho no que se refere à missão ad gentes. Não é só falta de entusiasmo e de generosidade, mas também perda de motivações e de clareza de idéias.

João Paulo II colhe uma pergunta que, ao longo destes últimos anos e ainda hoje, está questionando fortemente vários ambientes eclesiais: “Devido às mudanças dos tempos modernos e à difusão de novas idéias teológicas, alguns interrogam-se: ainda é atual a missão entre os não-cristãos? Não estará, por acaso, substituída pelo diálogo inter-religioso? Não se deverá restringir ao empenho pela promoção humana? O respeito pela consciência e pela liberdade não exclui qualquer proposta de conversão? Não é possível salvar-se em qualquer religião? Para quê, pois, a missão?” (n.4).

Diante desta crise o Papa indica claramente onde está o verdadeiro problema: “A missão é um problema de fé: é a medida exata de nossa fé em Cristo e no seu amor por nós” (n.11). A missão retoma ímpeto não com arrazoados mas no Evangelho, reconhece a própria identidade não discutindo sobre as necessidades do mundo, mas ainda refletindo sobre o Evangelho. A missão manifesta o que se pensa concretamente de Cristo e da sua Palavra.

Partindo desta perspectiva, João Paulo II traça um programa com duas grandes finalidades:

- renovar a fé e a vida cristã;
- anunciar Cristo a todos os povos.

1. Renovar a fé e a vida cristã.

“O presente documento tem uma finalidade interna: a renovação da fé e da vida cristã. De fato, a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entu-

siasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece!" (n.2).

A história da Igreja mostra claramente a estreita coligação entre a fé e a missão: quando a fé é forte e entusiasta, a comunidade cristã é missionária; quando a fé está incerta e a vida cristã se ofusca, a missão registra uma onda de refluxo e de estagnação.

O dinamismo missionário favorece também à remoção das divisões que dilaceram as comunidades cristãs. Paulo VI afirmava: "Estas tensões internas, que debilitam e laceram algumas Igrejas e instituições locais, desapareceriam frente à firme convicção de que a salvação das comunidades locais se conquista pela cooperação na obra missionária, a fim de que esta se estenda até os confins da Terra".

A missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade.

João Paulo II indica novamente à Igreja toda os imensos horizontes da missão ad gentes: "A missão de Cristo redentor, confiada à Igreja, está bem longe de seu pleno cumprimento. No termo do segundo milênio após a sua vinda, uma visão do conjunto da humanidade mostra que tal missão está ainda no começo, e que devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço" (n.1).

A "*Redemptoris missio*" pode ser definida como o manifesto da nova evangelização no terceiro milênio. O Papa indica qual será o caminho da missão no futuro e, então, quais as orientações e os compromissos que já desde agora a Igreja deve assumir.

a) A Missão é de toda a Igreja

O Papa, com coragem, lança a missão da Igreja na sua dimensão universal, em oposição a um certo espírito reduutivo que sempre caracteriza todos os tempos de crise. Ele vai além da contingência da crise, tem consciência de que a Igreja é portadora de uma mensagem de salvação e libertação que não vem do homem mas de Deus, e da qual todos os homens absolutamente necessitam.

Tarefa indispensável da Igreja universal e de cada Igreja local.

Nesta ótica adquire o justo relevo a distinção das três atividades que constituem a missão: o cuidado pastoral das comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais; a "nova evangelização" nos países de antiga tradição cristã, onde grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé; e a "atividade missionária específica" entre povos e grupos humanos e contextos socio-culturais onde Cristo e o seu Evangelho não são conhecidos. Esta última é definida "atividade primária e essencial da Igreja, jamais concluída" (n.31). Sendo assim, obrigatoriamente, deriva que a missão ad gentes se torna tarefa indispensável da Igreja universal e de cada Igreja local.

b) As jovens Igrejas: esperança da missão.

Nesta tarefa imensa de evangelização, as jovens Igrejas

ocupam um lugar de grande destaque. O Papa exorta-as a se tornarem protagonistas da missão.

Nelas enxerga o futuro da evangelização por causa das muitas vocações e da vivacidade de sua fé. Toda a Igreja universal é convidada a "dirigir a atenção para o Sul e o Oriente" (n.40), mas ainda mais as pequenas e jovens minorias cristãs. Vale a pena citar por inteiro este trecho da encíclica: "Dirijo-me aos batizados das jovens comunidades e das jovens Igrejas. Vós sois, hoje, a esperança desta nossa Igreja, que tem já 2.000 anos. Sendo jovens na fé, deveis ser como os primeiros cristãos, irradiando entusiasmo e coragem, numa generosa dedicação a Deus e ao próximo: numa palavra, deveis seguir pelo caminho da santidade. Só assim podereis ser sinal de Deus no mundo, revivendo em vossos países a epopéia missionária da Igreja primitiva. E sereis, também, fermento de espírito missionário para as Igrejas mais antigas" (n.91). É uma inversão radical e profética da imagem que todos nós temos da Igreja e do cristianismo.

c) A comunidade que evangeliza.

A missão ad gentes é de todo o Povo de Deus. João Paulo II mantém unidas as duas exigências da missão que, às vezes, são colocadas em contraposição: a exigência da presença específica das pessoas carismáticas (os missionários), com uma vocação especial que se manifesta na totalidade do compromisso para a evangelização dos não-cristãos, e a exigência do envolvimento nesta tarefa universal de todos os batizados. "Se é verdade que a fundação de uma nova Igreja requer a Eucaristia e, por conseguinte, o ministério sacerdotal, todavia, a missão, que comporta as mais variadas formas, é tarefa de todos os fiéis. Aliás, a participação dos leigos na expansão da fé é clara, desde os primeiros tempos do cristianismo, tanto a nível de indivíduos e famílias, como da comunidade inteira." (n.71).

É significativa esta acentuação a respeito da participação de famílias, como da comunidade inteira. A evangelização ad gentes é obra não tanto de indivíduos, mas da comunidade. É a comunidade, com todos os seus componentes: jovens e adultos, casados e consagrados, sacerdotes e catequistas, que parte e anuncia, que se torna, com o próprio testemunho, fermento de novas comunidades cristãs. Por certo, esta visão nova da missão modifica inteiramente o compromisso missionário das nossas dioceses e das nossas paróquias.

Povos todos, abri as portas a Cristo!

2. Anunciar Cristo a todos os Povos.

A idéia-força do programa apostólico de João Paulo II foi muito clara desde o início de seu pontificado: "Abri as portas a Cristo!" e a repete ainda com convicção e entusiasmo nesta encíclica: "Povos todos, abri as portas a Cristo! Seu Evangelho não tira nada à liberdade do homem, ao devido respeito pelas culturas, a tudo quanto de bom possui cada religião. Acolhendo Cristo, abri-vos à Palavra definitiva de Deus, àquele no qual Deus se deu a conhecer plenamente e nos indicou o caminho para chegar a ele" (n.3). O homem não deve temer nada do anúncio de Jesus

Cristo. A acolhida de Cristo não fecha, mas abre os horizontes. Não prende o olhar do homem, mas livra-o em todas as direções. Afirmar a unicidade de Cristo e o absoluto de sua revelação não impede de enxergar e apreciar os valores e as verdades que existem em outra parte, ao contrário, ajuda a descobri-los. Cristo não cega o olhar do homem, mas torna-o lúcido e penetrante.

A tentação que a encíclica evidencia a cada passo, é a de dividir aspectos da missão, que, ao invés, devem permanecer juntos. A tentação de separar é sutil, é sempre uma tentativa de lograr o escândalo da Cruz. De certo, o evento cristão apresenta-se com conteúdos e consequências múltiplas: Deus e Jesus Cristo, o anúncio do Reino e o anúncio de Jesus, a revelação e a salvação, a libertação e a promoção humana, a dilatação da Igreja e a fundação de novas Igrejas, o diálogo com as religiões e com os homens de boa vontade. Mas todos estes aspectos devem encontrar constantemente o seu sentido e a sua unidade em um centro donde todos eles emanam, e que nunca deverá empanar-se: Jesus Cristo.

Nas situações concretas, o missionário do Evangelho poderá, justamente, frisar um aspecto ou outro, conforme as urgências e as oportunidades. Mas, em todo caso, o centro deverá permanecer firme e claro, sobretudo nas convicções, nas experiências e na fé do missionário.

O Papa reafirma, com muita força, a singularidade de Jesus Cristo, isto é, a sua universal mediação salvífica. Na época moderna, dominada pela "razão iluminada e adulta", pode ser um escândalo afirmar que Jesus de Nazaré, um simples ponto no espaço e no tempo, possa ser norma absoluta da história e a realização última, definitiva e universal, da revelação de Deus.

Mas a nossa fé nos diz que Jesus Cristo é Aquele em quem se concretiza, como mediação, a passagem de Deus ao mundo e do mundo a Deus. Verdade esta que poderá ser aprofundada, esclarecida, mas nunca eliminada ou atenuada. Aqui se aposta a identidade cristã.

A fé exige a livre adesão do homem, mas tem de ser proposta.

É claro que o anúncio e o testemunho de Cristo tem que ser feito no respeito das consciências, e a encíclica recorda a declaração do Concílio: "A pessoa humana tem direito à liberdade religiosa" (DH 2). "A fé exige a livre adesão do homem, mas tem de ser proposta, já que as multidões têm (também) o direito de conhecer as riquezas do mistério de Cristo, nas quais toda a humanidade pode encontrar, numa plenitude inimaginável, tudo aquilo que procura, às apalpadelas, a respeito de Deus, do homem, do seu destino, da vida e da morte, da verdade" (n.8).

Cristo é necessário, e é necessário que o anúncio da sua Boa Nova chegue a cada homem. É uma urgência da caridade que deve motivar a comunidade cristã a se tornar protagonista da missão.

A missão nasce, antes que do amor para os homens, da surpreendente maravilha de uma notícia que nos atingiu: "A Igreja, e nela cada cristão, não pode esconder nem

guardar para si esta novidade e riqueza, recebida da bondade divina para ser comunicada a todos os homens" (n.11).

Concluindo

A encíclica, muito oportunamente, sai no momento em que a Igreja chama todas as comunidades cristãs a uma "nova evangelização" e às vésperas da celebração dos 500 anos da evangelização da América Latina. É de grande ajuda porque, muito do que diz respeito à missão ad gentes, ilumina também a nossa pastoral. Vários temas apontados por ela, são atuais também para nós. A necessidade do anúncio explícito de Jesus Salvador e o apelo à conversão. O valor da libertação que vem da fé em Cristo e na sua Igreja. A convicção de que os homens, a partir dos mais pobres, estão precisando do amor de Deus Pai, juntamente com a nossa concreta solidariedade.

Além disso, a encíclica indica vários âmbitos em que é urgente a evangelização e que podem ser identificados muito bem como as situações da América Latina.

Modernos fenômenos sociais, como a urbanização e o maciço aumento das cidades ("lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação que influem na população"); os jovens que constituem mais da metade da população; os emigrantes que fogem da opressão política e da miséria desumana, da fome e da seca; as situações de pobreza intoleráveis.

A encíclica indica vários âmbitos em que é urgente a evangelização.

Áreas culturais, ou modernos areópagos: o mundo das comunicações que condicionam as novas gerações; o empenho pela paz; o desenvolvimento e a libertação dos povos; a promoção da mulher e da criança; a proteção da natureza; a pesquisa científica; a dimensão espiritual da vida como antídoto à desumanização.

Também adequa-se muito bem à pastoral da América Latina o particular relevo dado na encíclica às comunidades eclesiais de base, chamadas "força de evangelização". "Tais comunidades descentralizam e, simultaneamente, articulam a comunidade paroquial, à qual sempre permanecem unidas; radicam-se em ambientes simples das aldeias, tornando-se fermento de vida cristã, de atenção aos 'últimos', de empenho na transformação da sociedade" (n.51).

Conseguirá a "Redemptoris missio" despertar na América Latina não só um grande empenho na "nova evangelização" proclamada pelo Papa, mas também o envio ainda mais significativo de missionários ad gentes?

As palavras de Puebla: "Finalmente chegou para a América Latina a hora de intensificar a ajuda mútua entre as Igrejas particulares e de se abrir para além de suas próprias fronteiras: 'ad gentes', ressoam com resposta afirmativa e comprometedora para muitos e como motivo de reflexão para outros.

Endereço do Autor: a/c "Missão Jovem" — Caixa Postal 5054 — 88041 FLORIANÓPOLIS, SC